

O QUIBE

no tabuleiro da

BAIANA

**Uma reflexão sobre a imigração síria e
libanesa e o turismo cultural em Ilhéus**

2ª Edição



Universidade Estadual de Santa Cruz

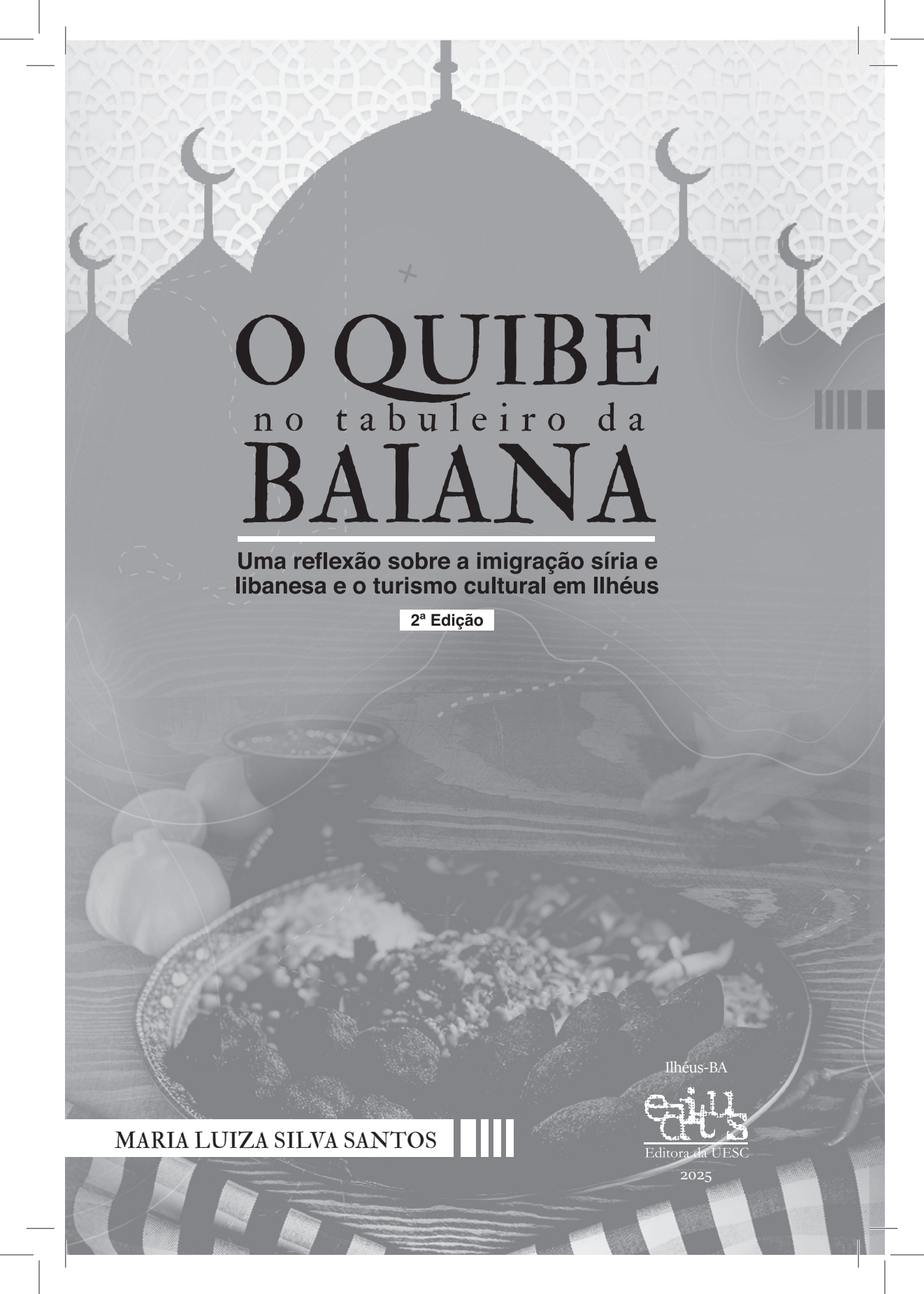
GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
JERÔNIMO RODRIGUES - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ROWENNA DOS SANTOS BRITO - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR
MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:
Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Andréa de Azevedo Morégula
Antonia dos Reis Salustiano Evangelista
Cacá Gonçalves
Fernanda Viana Lima
Helena Costa
Jussara Tânia Silva Moreira
Lurdes Bertol Rocha
Maria Lícia Silva de Queiroz
Maria Luiza Silva Santos
Maurício Santana Moreau
Pedro Lopes Marinho
Sabrina Nascimento
Vitória Solange Coelho Ferreira
Wolney Gomes Almeida



O QUIBE

no tabuleiro da

BAIANA

Uma reflexão sobre a imigração síria e libanesa e o turismo cultural em Ilhéus

2ª Edição

MARIA LUIZA SILVA SANTOS

Ilhéus-BA

ilhéus

Editora da UESC

2025

©2025 by Maria Luiza Silva Santos
1ª edição 2006
2ª edição 2025

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

DIAGRAMAÇÃO

Varnei Rodrigues - Propagare

REVISÃO

Levi Silva Santos
Tikinet Edição LTDA

CAPA E FINALIZAÇÃO

Deise Krause

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237 Santos, Maria Luiza Silva
O quibe no tabuleiro da baiana: uma reflexão
sobre a imigração síria e libanesa e o turismo
cultural em Ilhéus / Maria Luiza Silva Santos. –
2. ed. – Ilhéus, BA: Editus, 2025.
151 p. : il.

ISBN: 978-85-7455-622-2

1. Turismo cultural – Ilhéus (BA). 2. Sírios
– Imigração – Bahia. 3. Libaneses – Imigração
– Bahia. 4. Culinária árabe. 5. Amado, Jorge, 1912-
2001. 6. Gastronomia na literatura. I. Título.

CDD 380.145

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5170
www.uesc.br/editora
secretaria.editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


ASOCIACIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMÉRICA
LATINA Y EL CARIBE

PREFÁCIO

Este livro fala de uma epopeia. Muitos já escreveram sobre empreitadas assim. Os livros de história e os romances contêm centenas delas, tendo à frente soldados e profetas, reis e feiticeiros, grandes comerciantes, senhores de fábricas, escravos e exércitos. Normalmente, há vencedores e vencidos. A natureza aparece como cenário da grandiosidade de projetos que devem se realizar a qualquer custo. Esses livros costumam falar do gênio humano, como a convidar o leitor a se identificar com aqueles heróis e elevar-se, assim, para além do prosaico insignificante da vida cotidiana. Esta, por sua vez, seria destituída de encanto e majestade. Posta em seu devido lugar, seria o borrão em que se escreve a verdadeira história, a dos personagens em que se reconhece algum tipo de investidura que os distinguiria dos mortais.

A autora, aqui, nos coloca diante de um herói singular. Como os outros tantos imigrantes que povoaram o Brasil a partir do final do reinado, os árabes vieram apinhados na terceira classe de navios europeus, fugindo da penúria e da adversidade, muitas vezes do cerco fundiário ou da perseguição política e religiosa, em busca de prosperidade. Por que mesmo os dou como singulares, então?

Lembro o depoimento que ouvi de seu Wagih Ataya, vinte anos já faz. Esse libanês contava a mim e a meu pai os pormenores de seu desembarque no porto de Marselha, para um banho e uma

refeição. Falava das bolinhas de queijo conservadas em azeite doce, em potes de vidro, cuidadosamente guardados durante a viagem maior, aquela pelo oceano.

O que me intrigou na noite em que ouvi seu Wagih narrar sua aventura foi precisamente a continuidade entre a saída do Líbano, a entrada no navio, o desembarque em Santos, depois em Salvador e a vida normal que logo passou a ter, “graças a Deus”. Em nenhum momento percebia-se na sua narrativa a constituição de uma colônia no sentido convencional do termo; o encontro com brasileiros de Ilhéus, de Sergipe e do sertão, bem como o encontro com outros árabes já estabelecidos e as modestas farras depois do expediente, nas ruas hoje desertas e soturnas, que àquele tempo viam pequenas turmas de amigos cantando hinos à amizade. Uma dessas canções dizia: “salve, nossos companheiros; como são belos os nossos companheiros”. Não, não era um hino em língua árabe que os patrícios entoavam para lembrar a pátria. A pátria, agora, era ali, também porque eram muitos os patrícios de lá sendo já patrícios cá. Era em português mesmo que se cantava...

Somente depois de muitos anos pude apreender, lembrando do depoimento daquele filho do Líbano, a riqueza que exalava em virtude de sua transparência. Lembro-me do seu sorriso triunfante ao ensinar como se parte uma melancia sem faca, jogando a fruta bem quente de sol no riacho bem gelado que desce das montanhas. Uma vez, a percepção dessa riqueza aconteceu quase de repente, muitos anos depois, quando assistia a um documentário na televisão. O locutor falava da chegada de “forasteiros dos quatro cantos do mundo”, referindo-se ao porto de outro país. Lembrei-me das histórias que ouvi dos árabes de Ilhéus. Eles mesmos não se consideram forasteiros. São adventícios, jamais estrangeiros.

Quando comecei a conhecer a pesquisa de Maria Luiza, temi, por alguns momentos, que viesse a me roubar o fascínio que sempre exerceram sobre minha mente os personagens árabes de

Jorge Amado. Principalmente Nacib e Fadul, mas também aqueles outros que fazem uma ponta aqui e ali, nas obras ambientadas no centro de Salvador. Refiro-me, principalmente, à peregrinação de Nacib na primeira parte do romance à procura de uma cozinheira. Os cinco sentidos do dono do bar Vesúvio são vividos com invejável intensidade. Ele vê a parte da cidade próxima do porto, como a querer divisar uma possível salvação para sua cozinha órfã; ouve os meninos da rua e as conversas de dentro das casas, que lhe despertam agonias e sabores, reforçados pelos odores que escapam das cozinhas; suas mãos, acostumadas a contar cuidadosamente a fêria do bar, queriam deitar-se com uma nova moça do Bataclan, mas isso era indissociável de achar logo uma nova empregada. E seu drama de comerciante desfalcado se faz máximo quando dois enterros memoráveis passam em frente ao seu estabelecimento, sem que houvesse quibes, coxinhas e empadas suficientes para os amantes da crônica cotidiana do alheio. Pois bem, temi que uma pesquisa sobre essas coisas lhes tirasse a magia.

Não tirou. Os árabes deste livro – os gringos, como chamávamos em Ilhéus, com conotações bem distintas daquelas que essa palavra recebe em outros lugares – são heróis de suas cozinhas, de seus fardos e alforjes cheios de coadores de café, cobertores coloridos, talheres, vestidos, facões, velas, botas, paliteiros e arreios bem polidos, tudo isso em preços muito variados, a se administrar continuamente. Afinal, o bom prestamista sabe garantir o pagamento das prestações de seus fregueses.

Na pesquisa que agora apresento, percebe-se um delicado e complexo jogo de negociação de mundos diferentes e próximos. Como nas páginas mais saborosas de Gilberto Freyre, quando se refere aos portugueses, Maria Luiza acompanha as mulheres sírias e ouve-as falar das especiarias, das hortaliças, do tipo de gado, do jeito de preparar. Da salsa para o coentro, do carneiro para o boi, do azeite de lá para o óleo daqui. E o quibe surge

vtoriosoo, como um monumento. Sua implantação na culinária de Ilhéus e região tem a magnitude de uma imagem equestre em praça pública. Em vez do cavalo de bronze, podem-se ver as pequenas vitrines de madeira e vidro vendendo quibe, com os vasos de molho de pimenta ao lado, ou os modernos carrinhos que parecem vender sorvete ou água de coco.

É o triunfo da cozinha árabe, da casa e do corpo mesmo desse adventício, daquilo que trouxe de mais íntimo e saboroso. Ao lado do chocolate, que produziu o fausto dessa região por algumas décadas e se tornou sofisticada moeda de fineza em boa parte do mundo, o quibe é como que sua contrapartida. É o mundo que aconteceu ao porto de Ilhéus e ficou. Convido o leitor, então, a refazer essa viagem.

Milton Moura

SUMÁRIO

Contextos.....11

1. Discussão conceitual: migração, identidade, turismo e globalização 23

Migração 25

Identidade 32

Turismo..... 37

Globalização..... 42

2. A imigração Síria e Libanesa 53

Breve histórico da imigração árabe para o Brasil..... 54

Ilhéus e a imigração árabe 71

3. A culinária árabe e o turismo em Ilhéus .. 83

Gastronomia e turismo cultural 83

A culinária árabe em Ilhéus 89

4. Jorge Amado, os árabes e o perfil gastronômico de Ilhéus no início do século XXI 93

Finalmentes..... 107

Referências..... 113

Catálogo de receitas..... 121